

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — EDITOR: José Joubert Chaves

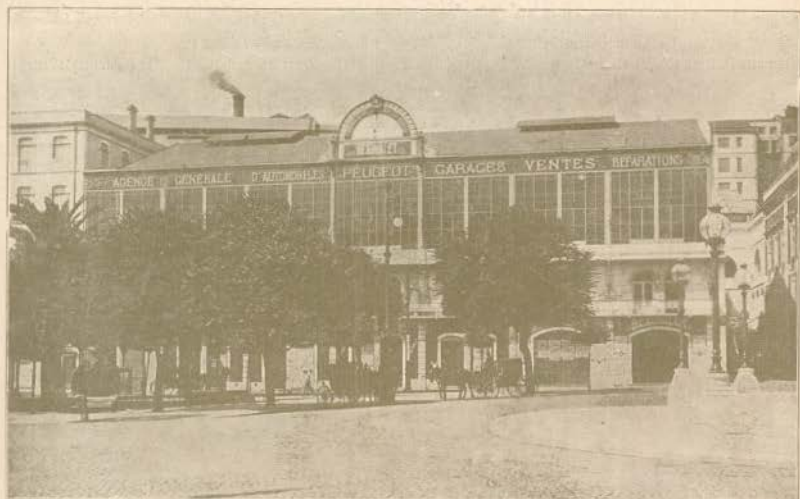
Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjuncta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa		
Anno.....	28.000	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Semestre.....	18.000	Anno.....	8.000   Trimestre.....
Trimestre.....	18.000	Semestre.....	4.000   Mez (em Lisboa).....
			25.000
			700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa



**Summario** ( COMO ERAM OS REIS MAGOS, COM 14 ILLUST.—AS ELEGANCIAS E OS ELEGANTES DO SÉCULO XIX EM PORTUGAL, PELO SR. JULIUS DANTAS, COM 26 ILLUST.—CHRONICA THEATRAL: AS VIAGENS DE GULLIVER, COM 11 ILLUST.; AFFONSO D'ALBUQUERQUE, COM 6 ILLUST.—A RECEPCÃO DO NOVO NUNCIO, COM 8 ILLUST.—OS PERFUMES D'ADRIANA, CO' TO DO SR. JOÃO LUSO, COM 2 ILLUST.

# A mais importante casa de automoveis em Portugal



## A. BEAUVALET & C.<sup>TA</sup>

R representante de **PEUGEOT** a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

### NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alianças a 500 réis, brochos a 800 réis, brincos a 1000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: e isso para vel em vacillios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, chronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Deslarrolles, Lombrose e d'Arpèligney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numeros e clientes da mais alta categoria, e quem ordissse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 18000, 28500 e 58000 réis.

## NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

RUA DO OURO, 110

Esquina da R. de S. Nicetas

Sucursal de

LISBOA



## Bicyclettes



A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «R. S. A.» e «Linos». Recobrem-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa, e que, tão honroso reconhecimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmalhada e do quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores ingleses, buzinhas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender. J. Castello Branco, rua do Soccorro, 45, e rua de Santo Antão, 92 e 94 — Lisboa.



## Como eram os Reis Magos?

A adoração dos Magos, o cortejo dos Reis, a sua longa jornada guiada por uma estrella, eis tres assumptos que em todos os tempos occuparam apaixonadamente a imaginação dos artistas e que milhare de vezes, quer em composições geniaes, quer em telas ingenuas, a pintura christã evocou. Mas como representar estes reis exóticos, sobre os quaes nenhuma leve indicação historica chegou até nós? Passando em revista as successivas e differentes interpretações que lhes foram as diversas epochas, faz-se a mais attraente viagem através a historia, a arte e os costumes

### COMO SE FORMOU A LENDA

No dia de Reis, quando a familia se reúne em volta do *bólo-rei*, que occulta a fava soberana, e se distribuem, dos avós aos netos, as doiradas fatias, quer o costume tradicional e domestico que se acclame rei de uma noite a creança loura ou o velho tremulo a quem a sorte tiver distribuido a fava milagrosa. Como não lembrar n'esse momento esses outros reis legendarios, verdadeiros heroes da cerimonia christã perpetuada, através vinte seculos, pela tradição e pela fé? Homens singulares deviam ser esses principes do Oriente, com nomes mysteriosos e sonoros,

que se puzeram a caminho, desde os confins do mundo, guiados por uma estrella, para adorar um recém-nascido n'um estabulo de Bethlem. Depressa começaram circulando sobre esses vagos reis e a sua vasta jornada as mais extraordinarias narrativas, e pouco a pouco se foi constituindo a lenda, brilhante e graciosa, que o tempo, sem cessar, tem vindo adornando de poesia.

Diz o Evangelho que, poucos dias passados sobre a cerimonia da circumcisão, tres Magos, vindos do Oriente, chegavam ás portas de Jerusalem e perguntavam: «Onde está o Rei

dos Judeus, que agora nasceu? Vimos a sua estrella no Oriente e viemos para o adorar.» Herodes,



*Basivo-relevo de um tumulo byzantino do seculo V, representando a adoração dos Magos (Egreja de S. Vitale, em Ravenna)*



perturbado com a chegada dos estrangeiros e o fim da sua viagem, convocou todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntando-lhes onde havia de nascer o Christo. Responderam-lhe elles: «Em Bethlem de Judá, porque foi escripto pelo propheta: e tu, Bethlem,

*terra de Judá, tu não és a menor entre as cidades de Judá, pois de ti ha de sahir o chefe que ha de governar Israel, meu povo.»* Então Herodes, chamando secretamente os Magos, informou-se minuciosamente do tempo em que a estrella lhes tinha apparecido e despediu-os para Bethlem, dizendo-lhes:

«Ide, indagaes onde está o menino, e quando o tiverdes encontrado dae-me parte, para eu tambem o ir adorar.» Depois de terem ouvido o rei, os Magos partiram e a estrella que tinham visto não lhes appareceu. Depois de novo e precedeu-os até que parou, por cima do lugar onde estava o menino. Entraram então no curral, onde encontraram Jesus com Maria. Prostraram-se diante d'elle, adoraram-o e offereceram-lhe ouro, incenso e myrrha. Na seguinte noite, foram, em sonhos, advertidos por um anjo dos mais designios de Herodes e voltaram para o seu paiz por um outro caminho.

É sobre estes dados summarios que a imaginação popular, como na tela de um bastidor, executou os mais maravilhosos bordados. Já na *Lenda Dourada* a jornada mysteriosa vem descripta com minuciosos detalhes. A viagem durára doze dias, desde 25 de dezembro a 6

de janeiro, e no decurso d'ella não tiveram os viajantes repouso nem alimento. Quanto mais se aproximavam do seu destino, mais a estrella brilhava. Tinha a configuração luminosa de um anjo e era a mesma que apparecera aos pastores.

Terminada a sua missão, a divina estrella desapareceu n'um poço onde a Virgem ia buscar a agua para lavar Jesus. Mais de um peregrino, por uma graça especial, ali a poude vêr. «Quando se aproximam os fieis e se debruçam sobre o poço, escreve um commentador do texto sagrado, envolve-se-lhes



*Os Reis Magos, segundo um mestre allemão da Idade Media (Quadro de Hans Baldung, século XV)*

a cabeça com um panno de lino. Então, os que são dignos de vê-la, avistam a estrella boiando á flor d'agua, de uma a outra parede do poço, de accordo com os movimentos da mechanica celeste. Mas a maravilha é apenas visivel aos



que tem o coração puro.»

O primeiro dos Magos chamava-se Melchior, e era um velho de longa barba branca, que offereceu ao recém-nascido o ouro, symbolo da realeza. Este ouro—vêde como a lenda se complica e sumptuosamente se adorna! — eram as trinta peças cunhadas por Terah, pae de Abrahão. José descontara-as no thesouro da rainha do Sabá, pelo preço dos perfumes que serviram para embalsamar o corpo de Jacob, e d'ellas fizera presente a rainha a Salomão. Chamava-se Gaspar o segundo Mago, e era um moço ainda imberbe, de tez rosada e macia, que offereceu o incenso, symbolo da divindade. O terceiro, Balthazar, era um homem de quarenta annos, que offereceu a myrrha, symbolo da mortalidade.

Em troca d'estas offerendas, os Magos receberam uma das fraldas de Jesus para com ella poderem attestar os prodigios da sua viagem. E o certo é que, tendo os egypcios duvidado da sua palavra, os Magos propuzeram 'far d'ella uma prova



*A adoração dos Magos tal como a imaginaram os artistas do seculo XV (Quadro de Gentile da Fabriano)*

solemne. Fizeram para isso armar uma grande fogueira, onde os infieis lançaram os seus livros sagrados, que logo as chamas devoraram. Então, quando chegou a sua vez, os Magos deitaram na fogueira a fralda de Jesus, e todos a viram erguer-se suavemente acima das chamas, e, quando ellas se apagaram, recair intacta sobre as cinzas. Dois annos lhes foi necessario para percorrer, de regresso, o caminho que na ida haviam percorrido em doze dias: tão distantes ficavam os seus paizes e tão grande fôra o milagre da sua jornada. Chegados ás Indias,



*Um rei Mago de Benozzo Gozzoli*



*Um Rei Mago de Rubens*



sua patria, os Magos fizeram-se apóstolos e derrubaram os ídolos de Mithra, tendo sido mais tarde baptizados por S. Thomaz, apóstolo das Índias, que os sagrou bispos dos territorios em que eram reis.

Finalmente, Deus concedeu-lhes a graça de os chamar, todos tres, á sua divina presença. No dia de Natal do anno 69, os Magos comprehendiram que iam morrer. Na madrugada do 1.º de janeiro, Melchior, da idade de 130 annos, expirou, sendo enterrado pelos dois sobreviventes. Seis dias depois, Balthazar, quando celebrava os officios da Epiphania, foi morto no altar por um pagão. Tinha 109 annos, e quando depunham o seu cadaver no tumulo de Melchior, o morto moveu-se para dar lugar ao seu companheiro de sepulchro. Seis dias passaram. Chegou a vez a Gaspar, que apenas contava 90 annos, de ir fazer companhia aos seus velhos irmãos. E quando o cortejo funebre chegou ao mausoléu, os dois mortos levantaram-se para receber o recém-vindo...

#### COMO SE FIXOU A LENDA

Uma vez assim constituída a lenda, a arte vae revesti-la de fórmulas sensíveis. Cada epocha a interpretar de maneira differente, e cada vez o artista se inspirará mais nas idéas correntes do seu tempo para vestir e representar os Magos e o seu cortejo.

Nada de mais rudimentar do que a fórmula por que,



*Um Rei Mago florentino  
(Fresco de Benozzo Gozzoli)*

na Idade-Media, se figuraram os Reis Magos. Veja-se no sarcophago de Ravena essas tres figuras inclinadas, com a attitude de corredores attentos ao signal da partida. Dir-se-hiam moços spartanos que vão disputar o premio do stadio. E todavia esses corredores são os reis Magos. O artista pretendeu indicar que eram estrangeiros os primeiros pagãos miraculosamente chamados a render homenagem ao Christo. Como, a esse tempo, o imperio romano dominava todo o mundo civilisado, como sobre a terra só havia o cidadão romano e o barbaro, foi como barbaros que vestiu os tres Magos, com o barrete phrygio, o saio, a calça dos parthas, chamada *anaxyrída*. E se os esculpiu a



*Um Rei Mago  
(segundo um dos mestres da pintura quinhesista)*





*A Adoração dos Magos segundo o quadro celebre do grande pintor inglez Burne-Jones*

correr foi ainda no proposito de exprimir a diligencia e o ardor dos tres justos em seguir os impulsos da Graça. Em breve, a lenda dos tres reis, soffrendo a influencia da cultura classica, começa a adornar-se com os episodios hellenicos da Odysséa. As peripécias da viagem de Ulysses são distribuidas por Belchior, Balthazar e Gaspar. As narrações maravilhosas da *Lenda Dourada* veem depois inspirar os esculptores do periodo românico, que já por completo desfiguraram a passagem da Escriptura, adornando-a e complicando-a ao sabor da phantasia. É assim que na cathedral d'Amiens está representada a destruição das esquadras de Tarso por Herodes, que a imaginativa inventára como um dos acontecimentos capitaes da viagem dos Magos, de regresso ao Oriente.

Finalmente, na aurora do seculo

XIV, a pintura vai apoderar-se do grande assumpto christão e ornamental-o com a opulencia dos seus exceptionaes recursos. Por uma notavel coincidencia, é tambem o momento em que os grandes Estados do christianismo se constituem e se fortifica a noção da auctoridade real. O monarcha, principe ainda semi-

feudal, sempre contestado, sempre armado, não passa de um soldado triumphante. O que vai impôr aos povos a sua magestade são os luxos e as etiquetas das côrtes, a pompa dos sequitos, a opulencia dos thesouros reaes. E já agora tornava-se impossivel figurar os Magos como até ali, com a simplicidade barbara de peregrinos. Até então admittia-se que elles tivessem jornadaado sosinhos, a cavallo, como



*A Influencia da Renascença na representação dos Reis Magos (O Mago negro de Alberto Dürer, seculo XVI)*



sonhadores ou paladinos errantes. Esta solidão era mesmo uma das suas características. No principio do século XVI ainda Gil Vicente no seu *Auto dos Reis Magos* (1503), obedecendo á persistente tradição popular, não concede aos tres reis senão um cortejo mediocre.

Mas, ao contrario, nas pinturas flamengas, allemãs e florentinas, que de multidões e sequitos flammejantes invadem a scena da Adoração, de repente ampliada! A crèche e o estubulo são apenas accessorios. Em redor desenrolam-se immensas paizagens, que as cavalgadas dos sequitos enchem de auriflammas e lanças, de matilhas de caça e cortejos triumphaes. Entre essa pompa o filho de Deus é um pequenino ser debil e apagado. De um lado, toda a gloria, todos os attributos do poder; do outro a extrema miseria: um tecto de colmo e uma creança de peito. Nem um throno, nem um scenario sumptuoso. A humildade é que o divinisa. O Deus faz-se servo e *villão* para triumphar da violencia; e para que os reis se prostrassem diante da divina creança, dez pagens os auxiliam a desmontar dos corseis e os desembaraçam das esporas de ouro, humildemente! Os tres Reis não são porém apenas monarchas e guerreiros. São tam-



*Um estudo de Domingos Antonio de Siqueira para o quadro dos Reis Magos*

Idade-Media, a sciencia é kabalistica. A medicina é mysteriosa. A chimica é ainda a alchimia. Todo o doutor em capello é mais ou menos magico. O traje liturgico do sabio é a tunica e o barrete conico do astrologo. Os pintores, estabelecido este distinctivo, revestem com elle os tres Reis e reduzem-os assim a feiticeiros poderosos, a uma especie de nigromantes, dando-lhes o caracter que tão admiravelmente condiz com as superstições medievas.

Mas á Idade-Media segue-se a Renascença. Como se sabe, o renascimento traz consigo a paixão cultural pela natureza e pela realidade. As Madonas, nas *Natividades* e nas *Epiphánias*, transfiguram-se em princezas, em burguezas, em camponezas de Flandres, da Turena, da Umbria e da Toscana. Por seu lado, os Magos obedecem tambem ás novas no-



*Um Rei Mago (pintura italiana do século XV)*

As novas no-





ções da esthetica. Não sómente terão a apparencia e os trajos da epoca, mas muitas vezes serão retratos contemporaneos! O pintor florentino Benozzo Gozzoli põe no seu quadro da *Adoração dos Magos* toda a côrte dos Medicis, com os cardeaes, os seus bispos cavalleiros, os seus grandes e sumptuosos senhores.

Manuel Paléologo, o patriarcha de Constantinopla e João II representam os tres Reis lendarios. Atraz d'elles, entre a multidão, vêm-se Pedro o Gotoso e Salviati, senhores de Florença, Marcidio Ficini, editor de Platão, o grammatico Cergiropolo, o juriscunsulto Platina. E de tal maneira essa moda se generalisa, que são agora nos missas das rainhas, nos paineis e retabulos das egrejas, nos tripticos dos oratorios, as proprias princezas que representam de virgens, os proprios

reis que figuram de Magos, entre as suas côrtes palatinas de donas e fidalgos. Poucos annos mais tarde, em pleno apogeu da Renascença, uma revolução opera-se na idéa que os homens faziam do universo. Vasco da Gama descobre o caminho da India, circumdando a Africa. Christovão Colombo descobre a America. Subitamente, o mundo desdobra-se e acrescenta-se! Os viajantes trazem para Lisboa, para Veneza, para Anvers as narrativas das suas viagens fabulosas, e

os artistas principiam a ter informações seguras sobre as patrias nebulosas dos Magos. Todos os dias, nos caes dos grandes portos maritimos de Portugal, de Hespanha, da Italia e de Flandres, os pintores viam desembarcar os homens do Oriente. E então, de repente, uma inesperada variante se introduz na representa-

ção pictural dos Magos. Se elles representavam as tres grandes raças humanas, porque não havia de ser um d'elles o descendente de Cham? E o Gaspar muda de côr e apparece negro!

#### COMO SE DESVANECE A LENDA

Depois de se vestirem os Magos de reis feudaes, de astrologos, de principes da Renascença, reconheceu-se que, na realidade, elles não poderiam assemelhar-se a nada d'isso. Não seria possivel pintal-os taes como elles eram ou pelo menos sob a apparencia, do possivel, do

quanto mais approximada que elles deveriam ter sido?

Para chegar a esta concepção racional foi necessario attingir o seculo XIX, o seculo das sciencias exactas e do regresso á verdade. Então principiam a publicar-se as eruditas e minuciosas reconstituições historicas. A humanidade ia entrar na posse de documentos origi-



*Estudo de Domingos Antonio de Sequeira para o quadro dos Reis Magos*



naes e noções exactas da vida romana, da vida grega, da vida hebraica. A propria arte se revestiu de solemnidades eruditas. Até ao seculo XIX, para pintar os Magos um pouco de phantasia bastava. Agora, para os fixar na tela, os pintores consultarão os archeologos e os historiadores e farão viagens de estudo pelo Oriente.

Compare-se o carvão sublime de Sequeira, no Museu das Janellas Verdes, com os quadros gothicos e flamengos do convento do Paraiso de Evora. Durante longos annos, Sequeira estudou com paciencia o typo judaico para o fixar nas multidões dos seus quadros prodigiosos, de que os celebres carvões são apenas os estudos definitivos. Hoje ainda, em poder de colleccionadores como o sr. José Mauricio Rebello Valente, conservam-se as provas documentaes d'esses laboriosos estudos. Mas Sequeira não pode levar tão longe como Tissot o scrupulo da exactidão, por falta de re-

curso. Mais feliz do que elle, o celebre pintor francez transportou-se á Palestina, ás proprias paragens do Evangelho, e ali permaneceu doze annos n'um incessante estudo da paizagem, dos costumes e da raça. Couza alguma mudou no immovel Oriente. Hoje, como ha 2:000 annos, o scenario é o mesmo. Em que vão, pois, transformar-se os tres Magos para o pintor archeologo? Em nada menos do que em chefes de tribu, em *cheiks* da Chaldea!

Assim os representa o pintor, atravessando nos seus dromedarios as montanhas vulcanicas do Mar Morto, entre Jericó e Cédron. Como estamos longe dos Apenninos de Benozzo e dos castellos de Jehan Fouquet! Quanto são differentes estes Magos de James Tissot dos tres Reis dos presepios gothicos das Janellas Verdes e dos presepios em barro de Machado de Castro!

Como para a gloria da sciencia se vão despindo as lendas!



*A caravana dos Magos (Quadro de James Tissot)*



# OS ELEGANTES E AS ELEGANCIAS DO SEculo XIX EM PORTUGAL



Pina Manique, com o *Código de Policia de Luiz XIV* e o *Tratado de Policia de Willebrand* debaixo do braço, a *Instrução Secreta* de D. Maria I no

bolso da casaca, e a imperturbavel luneta de punho de oiro collada á orbita esquerda, decidida, ao primeiro assomo do anno de 1800, perseguir intermentamente as modas extravagantes.

Já vinha de longe a embração do Intendente por todas as demasias de vestuario, mas agravára-se com a preocupação do luxo jacobino e licencioso. As tunicas ligeiras, as pantalonas côr de carne, os decotes immensos que a Revolução inventára, as joias nos bicos dos peitos, os aneis de esmeraldas nos dedos dos pés, todo o luxo extravagante das «maravilhosas» e dos *muscadins*, importado especialmente para Portugal pelas comicas e bailarinas de S. Carlos, tinham dado lugar a repetidos avisos de Pina Manique para o conde de Villa Verde. A furia moralisadora d'esse cão de guarda do regimen não fazia excepções. Perseguiu o *maillot* côr de rosa da italiana Fiorini, amante de Marcos Portugal, ou o decote escandaloso da condessa da Ega, com o mesmo rigor democratico e nivelador. Mas não só as mulheres mereceram a attenção dos seus esbirros e das suas «noçças»: tambem os homens. Para o velho Desembargador era jacobino todo aquelle que não usasse a cabelleira polvilhada, a casaca de seda negra e os sapatos de fivella de prata dos jaretas de 1770. Bastava trazerem-

se luvas — terrivel symptoma de jacobinismo! — ou tirar-se da algibeira uma caixa de rapé com a figura de Venus pintada a sahir das ondas, para se ser immediatamenae agarrado por um *mouchard* da Intendencia. Estava prohibido o jogo da bola e as fitas nos chapéus. Determinadas bengalás semelhantes ao *gourdin* dos *incroyables* eram olhadas como um symbolo revolucionario. Um homem que se lembrasse de ler pela rua, já não digo Rousseau, mas o proprio *Gil Braz de Santilhana*, estava perdido. Uma cabelleira de bolsa á antiga, bem polvilhada, com o seu *bor-de-front* alto e o seu rabicho, era a melhor recommendação para a Intendencia de Policia e para as graças do conde de Villa Verde; pelo contrario, se lhes apparecia uma cabeça chamma, revolucionaria, rapada á *la Brutus*,

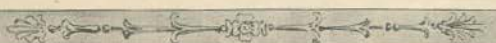
ou com as «orelhas de cão» cahidas por deante de uma gravata preta de garrote, então o pretendente podia deitar as contas á vida e fazer as malas para a cadeia. Um laço vermelho, uma meia vermelha, um collete vermelho podiam ser a liquidação de um homem. Era o Terror de guarda ás elegancias do principio do seculo, mettendo o nariz pelas berlindas doiradas, pelo recesso das alcôvas, pelos confissionarios das egrejas. Para vestir umas ceroulas era precisa a licença de Manique. Para cortar o cabelo era necessario o beneplacito da Intendencia. Ai d'aquelle que apparecesse nas ruas de Lisboa com um chapéu

de Méricourt! Ai do cabelleiro que lh'o vendesse!

Entretanto, imperceptivelmente, a transformação das modas masculinas foi-se fazendo. O peralta do tempo de D. Maria I, o «francelho môr», como lhe chamava Filinto, especie de boneco falando em falsete, mulherengo, com a face pintada de côr de rosa, signaes de tafeté pelo rosto, «rolos» enormes para alongar as pernas, fivellas d'ouro immensas nos sapatos, rempre aos ais, sempre aos ge-



Tres elegantes de 1830



midos, começou pouco a pouco a virilizar-se, a modificar-se, a ganhar mais gravidade e mais dignidade. O casquilho de 1803 já é mais homem que o peralta de 1780: entretanto — *credite posteri!* — ainda usa brincos nas orelhas, pinta os beijos de carmin e namora aos suspirinhos, em passo de dança e mordendo o lenço como os «faceiras» de D. João V. As cabeleiras de poupa, cobertas de povilhos de França, acuminando a frente e rematando sobre a nuca na classica «castanha» atada com uma fita cõr de rosa (Figueiredo, *Paes de Familias*, acto 1.º, scena 1.ª) dão lugar á cabeça «á Tito», á cabeça «á romana», redon-

rapida e caricatural do modo de vestir dos «casquilhos» do tempo:

«Os calções são de gigante  
E os colletes de pygmeu!»

Se juntarmos a isto o effeito d'uma gravata enorme, tufada, alta, enroscada ao pescoço em vinte voltas, quasi sempre preta, o «stufado lenço» em que fala Filinto (*Obras*, VII, 13), a «gravata de espêque» como lhe chamava o Saunier, representante directa da *cravate écroullique* da mocidade doirada da Revolução, escondendo o mento e o labio inferior, dando á im-

pressão de que quem a usa é corcovado (*Crítica ás Modas Extravagantes*, 85); se lhe puzermos na cabeça um chapéu de dois bicos, o «timão á hollandeza» de Bocage, especie de grande lua de feltro ou de seda, collocada ao viéz, com «os bicos para os lados e amantilhada aos cantos» (*Op. cit.*, 84); se lhe mettermos seu livro de fitinha na algibeira, n'outra a ponta do lenço debruçada (Filinto, *Op.*, VII, 13); se lhe dêmos para a mão uma bengala de castão d'ouro lavrado, de jaspe sanguinho ou de dente de elefante, que elle me-



A «infalível casaca» de D. João VI

recurvam-se n'uma dobra ampla, redonda e afastada do pescoço como se o panno fosse tão espesso que não tivesse sido possível vincal-o. Os colletes são minusculos, abertos, picados de botões d'ouro, o seu bordo inferior não passa de metade do peito, e ao contrario os calções elevam-se, espartilhados, alongando os casquilhos n'uma elegancia pernalta, com dois bolsos á frente para os grilhões dos relógios (usavam sempre dois) e um bolso atraz para a caixa do rapé. O critico das *Modas extravagantes* de 1805 dá em dois simples versos a impressão

neará de braços arqueados e em passo de dança; se finalmente lhe dependurarmos das algibeiras das calças os perendengues dos relógios comprados por bom dinheiro no Pires ou no Pollet, os melhores relojoeiros do tempo, — não ha duvida que temos deante de nós o typo do casquilho lisboeta de 1805, imitação franceza do *incroyable*, degenerescencia revolucionaria do «peralta», ovo goro ridiculo da elegancia *muscadine*, que foi pena que não tivesse entre nós um Vernet a fixal-o, nas scintillações insolentes do seu lapis de diamante. O casquilho já



era ridiculo calado; calcula-se bem o que seria a falar. A sua mania, o seu supremo desejo, a sua preocupação unica era «o desdem de ser portuguez» (*Critica ás Modas Extravagantes*, anno de 1805, 10). Diz o poeta anonymo, na quadra 21:

*Porque esteve um dia em Londres  
E na França dois ou tres,  
Volta depois affectando  
Já não saber portuguez.*

A linguagem falada, ainda em falsete, pelo casquilho lisboeta, passa a ser um francezillo pretencioso, pintalgado, amaneirado, dançado, eriçado de gallicismos impertinentes. Faz mal aos nervos ouvil-o, recostado nas poltronas das salas, acantonado nas «forçuras» do theatro, recostado no nicho dourado dos coches e das berlindas, acotovelando o balcão das lojas elegantes, a casaca a fugir-lhe do corpo, os brincos a luzirem-lhe

falando em Platão e em Socrates, em Pindaro e em Bruto, e debitando as francezias enjoativas que Filinto (Op., tomo VII, 9) põe na bocca d'um bandalhinho galante do tempo:

*«Elèves» meus «charmans», en sou gostoso  
De vér quanto «frissona» a nossa moda;  
Graças vos dou da contumaz «condução»  
Com que este nosso «affaire interessante»  
«Puxa» com nobre ardor e daes «ressorça»  
As damas...»*

Mas não havia só o «casquilho paisano»; tambem havia o «casquilho militar». A tolerancia no exercito era extraordinaria. Os uniformes variavam de official para official; os cadetes nobres usavam abotoaduras de ouro, á sua escolha, —moda extravagante que suggeriu a offerta da abotoadura de diamantes ao general Lannes. Os officiaes, mesmo os de patente alta, furavam as orelhas e punham brincos, que lhes luziam por entre as madeixas em «orelha de cão». A companhia de Malta era uma «guarda de casquilhos». Namoravam, de lenço na bocca e flôr nos dedos, arrastavam as espadadas, e empu-



nas orelhas, a gravata preta a garrotal-o, a luneta de punho d'ouro e d'um vidro só alpendrada pelo supercilio, espreitando as «douras» e as «laurinas»,





D. Miguel, retrato de Queluz pintado por Giovanni Ender, em 1827

mavam os pennachos, tinham as esporas, pintavam os beijos de carmim, e passeiavam no Rocio a vêr desfilar, de côche e de berlinda, os josésinhos encarnados e os lenços de cambria:

*«Desfilam os militares  
Que da tactica zombando  
Cuidam só em ter penacho  
E as espadas arrastando;  
E usam nas orelhas brincos  
Para que as linguas malvadas  
Digam que tem as cabeças  
Como as orelhas, furadas.»*

Mas, em breve, pela invasão e pela influencia ingleza, tudo muda. O exercito, coalhado de officiaes inglezes, disciplina-se, virilisa-se na guerra; os fidalguinhos cadetes, de brincos nas orelhas e face pintada de carmim, desaparecem; o dandysmo severo de lord Wellington, de sir William Carr Beresford, de John Shadwel Conell, de John Hamilton, vermelho, um pouco rigido, chamarrado d'ouro nas golas, succede á casquillice feminina do «franchello» militar do fim do seculo XVIII. Os marechaes e tenentes-generaes inglezes, com a sua verde velhice, a sua face rosea e glabra, o seu cabelo ainda louro, a sua sobriedade secca e solemne, dão na Lisboa de 1812 o *la* das elegancias. Os nossos officiaes imitam-nos, perseguem-nos, copiam-lhes os gestos, o aprumo, o modo de andar, as palmas d'ouro do fraque cõr de tijollo, o bicorne presilhado posto á banda na cabeça, as grandes espadas, as faces barbeadas de medalhão romano. Com a anglophilia nos costumes militares, vem a anglophilia nos costumes civis. A simplicidade, a sobriedade, a virilidade comecem a caracterisar as casacas de seda preta e os calções de meia também preta, colleantes, com a no-



A. «casaca de papo» e a bota á bussard

ta sumptuosa d'um grilhão d'ouro a romper do collete curto. Ao *muscadin* succede o *fashionable*.

Entretanto, na sombra, a revolução prepara-se. O synhedrio, onde se levantam as figuras glabras e declamatorias] de Fernan-

des Thomaz, de Borges Carneiro, de Silva Carvalho, conspira, n'uma ancia immensa de liberdade e de nacionalisação. Surgem, com as primeiras rajadas d'oratoria romana, as primeiras casacas de briche. É a elegancia tripeira, revolucionaria, vintista, pé-de-boi. A saraçoça, o briche, a estamenna nacionaes, que tinham apparecido no terceiro quartel do seculo XVIII, ao impulso nacionalizador e proteccionista de Pombal, resurgem em 1820 pela mão burgueza dos revolucionarios do Porto. O synhedrio resigna-se a trazer as casacas de briche, por não poder trazer as togas pretextadas dos senadores romanos. Debalde as casacas de seda negra, as cabelleiras empoadas e as grandes fivelas de prata do marquez d'Olhão, do conde de Redondo, do beato D. Miguel Pereira Forjaz, da regencia do reino e dos conservadores, mantem-se inalteravel a elegancia caracteristica do velho regimen. O briche, a saraçoça, o burel, a estamenna que El-Rei D. José forrava de setim branco e de que fazia os seus capotes



Um elegante de 1818

de caça, voltam na aza da Revolução, vestem os arcaçolhos torchados e hercules dos burguezes tripeiros, e em vez de se afeiçoarem em ferragulos e capotes, josésinhos e capeirões, surgem nas casacas grosseiras de grande gola encanudada, voltada, debruada, sobre colletes immensos de baetão vermelho abotoados em prata. É a elegancia jacobina. O bom revolucionario de 20 conhece-se pelo chapéu alto de pello, pela casaca curta de briche, pela gravata de seda preta ou branca enrolada em tres voltas ao pescoço, pela bota alta sem lustro, de presilhas sahidas, pelo lenço de Alcobaça no bolsêiro trazeiro, e pelo enorme collarinho branco de brentanha cujas pontas lhe sobem em bico pela face refegando-lhe a pelle dos queixos rapados. É este figurão que inicia entre nós o regimen parlamentar, que faz o primeiro discurso nas Camaras, que dança a primeira valsa nos *Tivolis*, que assiste á primeira recita do *Cato* na Rua dos Condes, que é convidado em laminas de prata para o primeiro baile da *Assemblea Estrangeira* e que permite pela primeira vez em S. Carlos as pantalonas cõr de



O tromblon de 1820.

rosa da bailarina Coralli.

Mas era elle o supra-sunmo da elegancia portugueza de 1820? — perguntarão. Não era. Assim como o tempo de D. João V teve o «bandalho»; o tempo de D. José, o «faceira»; o tempo de D. Maria I, o «peralta», e o principio do seculo o «casquilho» e o «francelho» — assim o vintismo revolucionario teve como supremo elegante o «pisa-flores». O «pisa-flores» é ainda um pouco o *fashionable*: veste

casaca de briche preto ou de panno verde escuro, com forro de seda; usa chapéu alto, onde mette o lenço, os perfumes, as escovas, o espelho; traz collete curto de ramagens com botões d'ouro; penteia a cabeleira no *Cate-lineau* da rua dos Capellistas; cinge á perna pantalonas de meia preta, ou a terrivel calça comprida — horror! — que pela primeira vez lhe desce até á bota; e n'um andar dançado, arqueando os braços, erguendo a cabeça, jogueteando a bengala á *pomme d'or*, namora para as janellas, morde a pontinha do lenço, chama á bem amada «meu sim», «minha exquissita», «meu tudo», «meu disfarce»; bate com as luvas de veado no

quadril enquanto anda, e em passinhos meudos, saltitados, brincados, pé aqui, pé ali, corre as alamedas de buxo do *Passio*, borboleteando, como quem vac pisa-flores, entre os alegres de azul e os grupos das elegantes vestidas rigorosamente de azul e branco, á Constituição (*Conversação das senhoras antes do chá, 2.ª, coll. de cordel, 1822*). Bandalho, faceira, peralta, casquilho, francelho, pisa-flores, — não são mais do que phases successivas do mesmo typo. Com um redingote de seda ou uma casaca de briche; uns



A «jeunesse-dorée» de 1820

brincos nas orelhas ou um queixo mosqueado por uma perinha de chibo; uma cabeleira de bolsa, empoada, frisada, encanudada, ou um craneo rapado e cnamorro á romana; um quitô dourado e um tricorne ou uma bengala e um *tromblon*; uns sapatos de fiavela de prata ou uma calça de metim com presilha, — o elegante portuguez do seculo XVIII e do primeiro quartel do seculo XIX é sempre o mesmo patetuha alegre, o mesmo salta-pocinhas ad-

mado e ridiculo, o mesmo homem, o mesmo molde, o mesmo cabide, a mesma caricatura.

A verdadeira elegancia só apparece mais tarde, com a volta da côrte do Brazil. O vintismo, com o seu briche e a sua eloquencia romana, fôra apenas um episodio. Voltam ainda, é certo, as casacas de seda do antigo regimen; apparecem cabeleiras de rabicho e fiavelas de prata nos jarretas desembargatorios; a «infalivel casaca» de D. João VI, de seda côr de castanha, crivada de treze crachás, com bolsos debruados de couro para o rapé, traz ainda consigo o mesmo caracter, o mesmo feitiço *gauche*, o mesmo ar seculo XVIII das casacas de Fina Manique; o palacianismo fôssil ten'a perpetuar ainda os mesmos costumes e as mesmas modas como protesto ao vintismo pé-fresco; mas a elegancia moderna impõe-se, triumphá, — uma elegancia masculina, britannica, viril, que já não tem nada de commum com a casquilheira dos «francelhos» de Filinto nem com o ridiculo dos «pisa-flores» de José Daniel. Palmella, chegado de Londres, é o typo do *dandy* com a escola de sir George Brummel e de lord Spencer, — calmo, impassivel, desesperadamente correcto, inverosimilmente sobrio. O seu dandyismo e a belleza pallida e no-



O bicorne dos elegantes miguelistas

bre do seu perfil de medalha fazem sensação entre nós. Todos o imitam. Os ultimos polvilhos das perucas cortezãs cahem ante a sua cabell'ira loira, penteada á ingleza; as ve-



O «spencers»



lhas casacas de côr, com algibeiras de pastrano e largas abas, punhos de rendas e crachás de diamantes, cedem o passo á casaca de panno preto com botões d'ouro, ao pettilho de bretanha picado de rendas onde scintillam joias, á gravata de setim preto de tres voltas, ao pequenino bicorne preto que durante os bailes se conserva galantemente debaixo do braço. Palmella seria o unico modelo d'elegancia na côrte de D. João VI, se um outro grande fidalgo lhe não disputasse a primazia: o velho e nobilissimo marquez de Loulé, o bravo tenente general da legião portugueza, o ainda verde amante da famosa Fanny Grenier, o pretendido rival do infante D. Miguel nos amores com a bailarina

Bruni. Um, era a severa elegancia britannica modelada do perfil nobre de Jorge IV de Inglaterra; o outro a elegancia sumptuosa e *lapageuse* dos marechais do Imperio, copiada de Ney e de Murat, resplandecente de ouro e radiosa do prestigio das batalhas. Estes dois homens, supremos dictadores da moda no seu tempo, marcaram precisamente as



O marquez de Palmella, em 1840

dizer!—um dos mais directos influenciados do dandysmo britannico. O retrato de Queluz, pintado por Giovanni Ender em 1827, é o documento irrecusavel d'essa elegancia sobria, tornada ainda mais impressionante pela belleza italiana e pelo ar de raça do illustre principe,— um Bourbon e um Marialva. Mas a decisiva influencia da emigração só se faz verdadeiramente sentir depois de 1834. Durante o terror miguelista (1828 a 1832) não ha tempo para pensar em modas; volta a saragoça, volta o briche nacional; a *jeunesse dorée* corcunda e apostolica, d'envolta com a onda negra dos frades, veste niza curta de estamemha, põe na cabeça um immenso bicorne preto, envolve-se n'um capotão de briche a que

chama «capa á Quiroga», usa calça de pelle, de metim ou de gambrum, oculo de prata de um vidro só, e empunha o classico e inseparavel cacete dos «burros»,—um cacete que foi uma instituição, nodoso, enorme, estroçado de carvalho ou de zambujeiro,

aportoadado de ferro ou de cobre, e que uma vez erguido sobre uma cabeça era capaz de fazer um morto dar vivas a D. Miguel. Só mais tarde, passada a guerra civil (1832-1834), com o advento do liberalismo e a volta dos emigrados, a influencia ingleza se generalisa e se torna verdadeiramente sensível. A sociedade modifica-se, transforma-se; abrem-se os primeiros salões;



O carrick (1838)



A sobrecasaca d'abelha (1842)

duas correntes a que obedeceu a elegancia romantica na primeira metade do seculo XIX: a influencia ingleza e a influencia franceza, — favorecida a primeira pela emigração, a segunda pela litteratura. O proprio D. Miguel, esse estoura-vergas toureiro e bolieiro que a tradição nos mostra a rebentar cavallos, de pampilho sob a perna, niza verde, calção de briche e espora de ferro de Guimarães, foi no seu regresso de Londres — quem o havia de

uma aristocracia nova, uma plutocracia de *parvenus*, enriquecida á pressa, fura, impõe-se, domina. A' revolução na politica succede a revolução no mundanismo. Um grupo de janotas, educados em Londres, vestindo á ingleza, pensando á ingleza, inicia o periodo aureo da elegancia romantica. E' seu *leader* o janota João Baptista d'Almeida Garrett.

A elegancia romantica, de 1836 a 1860, naturalmente inglezada, distincta, extremamente correcta, escrupulosamente cautelosa, surge dominada pelo medo instinctivo do ridiculo e pela obediencia cega ao figurino. Com a sua appareição institue-se definitivamente a Moda, — degenerescencia liberal das velhas pragmaticas do seculo XVII e XVIII. Os jornaes de figurinos apparecem, vulgarizando a reproduçã colorida dos modelos francezes e inglezes. Primeiro o *Recreio* (1840); depois o *Correio das Damas* (1841); em seguida o *Jardim das Damas* (1846); e por ultimo, a *Abelha* (1848), e a *Semana*, Garrett estudante da *Universidade* (1851). O proprio Garrett, o postico, o divino Garrett, irradiante no seu chinô, na sua calça de ganga franzida, na sua casaca verde bronze com botões d'ouro, no seu espantoso collete de floripondios, na sua capa á lord Byron, cria um jornal de modas — *O Toucador* (1846), de que se publicam um ou dois numeros. As extravagantes concepções dos allayates de Londres ou dos *lobes* e dos *gandins* dictadores da moda em Paris, são exhibitadas pontualmente na platêa de S. Carlos, nas alamedas do Pas-

seio Publico, nos bailes do Conde de Farrobo, nas *sauteries* da marquezia de Vianna, ou nas sumptuosas recepções da baroneza da Regaleira, com creados empoados á ingleza e caldo de gallinha servido em Sévres e ouro. Para realizar os prodigios a que o obriga a Moda, o elegante de 1840 tem de usar espartilho; mas emquanto aperta a cintura como uma abe-

lha, o peito arqueia-se-lhe n'um papo enorme recoberto pelo collete d'acolchoado, e a sobrecasaca, armada em crinoline, alarga em balão, tufa em stubos d'orgão e dá ao pobre homem a configuração de um sino. As calças, ora largas á cossaca, ora estreitas á d'Orsay, são de duraque côr de ganga, de cachemira, de borlina, de cassineta escosessa ou de cambraião franzido; sobem, espartilhadas, por debaixo do collete de seda bordado a perolas ou a ouro, e terminam prezilhando a bota de verniz, elegantemente, esticadas no

joelho. O chapéu é o *tromblon*; por excepção, em baile, o bicorne pequeno em vez da claque (*Estampas da Bibl. Nac.*, album 7, 118, 105). Ha o chapéu alto á Robinson, de abas pequenas, estreitando para cima; o chapéu alto de seda de Italia, á Morillo, alargando, ao contrario, para a copa; o chapéu de copa immensa e de aba estreitissima á Bergami, em vellado felpudo; o chapéu á Bolivard, de abas enormes; o simples chapéu alto de castor, da fabrica do sr. Hirsch, ao Loreto, que todos os jornaes annunciam como excellente marca. Durante quinze, vinte annos, o typo do



Garrett ministro (1850)

Garrett em 1848 (época dos bailes das Laranjeiras)

elegante romântico não muda nas suas linhas gerais: pôde augmentar ou diminuir a gola da casaca; alargar ou estreitar as mangas; acolchoar ou desacolchoar o collete; apertar mais ou menos o espartilho; exaggerar mais ou menos o *tromblon*; usar perinha de chibo ou barba á passa-piolho; — são simples promeiores que não lhe tiram o caracter. De 1836 a 1851, o janota, — seja Garrett ou o principe da Cunha, Henrique James ou Rodrigo da Fonseca, conserva-se imperturbavelmente o mesmo, pittoresco, interessante, vivo, sufficientemente ridiculo para que o achemos hoje adoravel, bastante monstruoso para que pensemos, com toda a seriedade, em o imitar.

De 1851 em diante, porém, com a Regeneração, tudo se modifica; o caracter perde-se; as linhas exageradas adoçam-se; com o merinaque e a saia de balão das mulheres, veem as *constantinas*, especie de sobrecasacas largas de baetão com duas ordens de botões dourados, sem cintura, sem roda; a calça é larga tambem, característica, em pata d'elephante; as capas de velludo á «lord Byron» e á «melancolica» conservam-se ainda, mas com grandes

borlas de seda e cordões pendentés; os janotas apparecem no salão das Kruses penteados á Capoul pelo cabelleiro Fouché dos Romulares, vestidos de lemiste pelo pessimo alfaiate Caetano da rua do Ouro. Por fim, todas as notas caracteristicas se apagam; as proprias golas das casacas tomam quasi as proporções d'hoje; desaparecem os bofes de rendas; são proscriptos os colletes de chale. Garrett morrera entre a Luz e a Krus; o galante Sotto-Mayor hibernava entre os gelos da Suecia; é agora a elegancia hirta de Fontes que domina, enquadra nas linhas rectas da sua casaca preta, — e diante d'essa casaca de ferro toda a tradição do periodo aureo do Romantismo se esvae, n'uma nevoa distante, com as suas cabelleiras e os seus espartilhos, as suas cinturas de vespa e os seus fraques verde-bronze, os seus anneis de camapheus e as suas cartas de amor, as suas mãos pallidas e a sua eloquencia atheniense...

A elegancia do seculo XIX estava moribunda. O cache-nez do conde d'Avila acabou de a estrangular.

JULIO DANTAS.



O Marquez de Palmella, par do reino  
(Retrato de Lawrence)



D. Pedro IV e a carta



VISCONDE DE S. LUIZ BRAGA

## AS VIAGENS DE GULLIVER

AUGUSTO ROSA

Peça phantastica de grande espectáculo em 3 actos e 17 quadros, accommodado á scena portugueza pelo sr. Eduardo Garrido e representada pela primeira vez no theatro D. Amelia.



PEÇA que faz o assumpto da nossa chronica theatral de hoje merece ser considerada como um grande acontecimento do theatro portuguez contemporaneo, não de baixo do ponto de vista litterario, mas como expressão do vasto movimento reformador a que anda indissolúvelmente ligado o nome do sr. visconde de S. Luiz Braga. De todos é conhecida a historia brilhante do theatro D. Amelia. N'essa scena,

emobrecida pelos mais culminantes acontecimentos theatraes dos ultimos vinte annos, tem passado as maiores figuras dos mais famosos *elencos* da Europa, Emmanuel, Zacconi, Novelli, Mounet-Sully, Coquelin, Antoine, Le Bargy, Feraudy, a Duse, Sarah Bernhardt, Réjane, Susanne Després, Marie Lecomte, Jeanne Harding, Georgette Leblanc, a Guerrero, Clara della Guardia, Charlotte Wiché, Jeanne Granier, todos os grandes tragicos e todas as sublimes comediantes, todas as notabilidades e todas as excentricidades, desde o decano da Comedia Franceza até ao reformador Lugné Pœc, desde a Sada Yacco á Loïe Fuller, no seu palco passaram como n'uma revista gloriosa do theatro universal. No seu programma ecletico coube tudo, desde a tragedia de Shakspeare á zarzuela de Chapi, desde as attitudes harmoniosas da grande Sarah ao desnalgado sensual das *peteneras*, desde o gladio de *Edipo* até á *rapiepe* de *Cyranno*, desde a grande opera ao *vaudeville*, desde o concerto classico até ao baile de mascarar irreverente. Vistos em conjunto, esses vinte annos de actividade constituem como que a deslumbrante apothese da arte scenica do fim do seculo XIX e principios do seculo XX. E essa obra prodigiosa ha de ficar na historia do theatro portuguez como um dos seus mais

notaveis capitulos. Pode afoutamente declarar-se que, depois do breve resurgimento theatral, caracterizado anachronicamente pela renovação do drama historico, nos ultimos annos da sociedade Rossas & Brazão em D. Maria, ao D. Amelia cabe sem partilha a honra de haver dirigido todo o movimento dramatico nacional, contribuindo de maneira singularmente poderosa para a educação do publico e constituindo para os actores uma notavel, verdadeira e quasi inter-

rupta escola de declamação e interpretação scenica. Ao theatro D. Amelia se deve ainda a divulgação entre nós do moderno theatro francez, cujas excessivas liberdades de exame encontravam na tutoria official do D. Maria um veto permanente. E assim reformando, educando, incessantemente evolutindo, rompendo novos e ditados horizontes á acanhada scena portugueza, depois de haver lançado novos dramaturgos, de ter monopolizado a produção dos auctores consagrados, de haver creado uma pleiade de actores novos, pelos

excessos salutarees do seu caracter de ecletismo a empresa do D. Amelia se propoz a arrojada aventura de reunir n'uma só e immensa companhia todos os generos de representações: o drama, a alta-comedia, a farça, a opera-comica, o *vaudeville*, a revista, a ope-reta e a magica, revestido no seu cartaz o *Duello* de Lavedan com o *Tiçãõ Negro* de Lopes de Mendonça e Augusto Machado, a *Transviada* de Bernstein com a *Venus* de Blumenthal, a *Nossa Mocidade* com a *Boneca*, a *Ra-*



EDUARDO GARRIDO

*jada* com as *Viagens de Gulliver*.

Na execução d'este programma absorvente e revolucionario, destruidor de tantos preconceitos, mais uma vez o tacto, a alta intelligencia dirigente, o admiravel tino administrativo do illustre empresario



O CORTEJO DO NATAL.—1.º QUADRO DO 1.º ACTO

do D. Amelia se revelaram. Está ainda na memoria de todos o exito extraordinario, unico em theatros portuguezes, que acompanhou, ha um anno, a carreira triumphal da *Venus*. Não esquecendo o que devia a si proprio e ao seu theatro, o visconde de S. Luiz Braga, tendo de montar uma magica no D. Amelia, ennobrecu a magica e mostrou que a hierarchia de uma scena se pode sustentar em todos os generos de representações. Tendo-nos dado as primicias do genio litterario e theatral da Europa, tendo feito desfilar perante Lisboa toda a galeria das celebridades artisticas, esse grande empozario comprehendeu que havia ainda uma grande lacuna na sua vasta obra de iniciação e de reforma, e com as prodigalidades de um grande senhor deunos um maravilhoso espectáculo de visualidades, reunindo no seu palco tudo quanto a aliança da scenographia com a mechanica, o guarda-roupa, a co-reographia e a electricidade pode produzir de deslumbramento para a vista. A montagem da *Venus* constituiu uma authentica e dispendiosissima lição de *mise-en-scène*, uma verdadeira revista dos recursos scenicos do theatro moderno. Outro qualquer dos mais emprehendedores e animosos ter-se-hia dado por satisfeito. Mas o visconde de S. Luiz Braga tem a irre-

sistivel attracção da aventura: signal inilludivel de todo o espirito de iniciativa. E quando se suppunha que a *Venus* representava o superlativo na grandiosidade da *mise-en-scène*, o inexcédível e inexcédido esforço de uma, empresa theatral, a noticia de uma nova peça phantastica, para a qual pintaria o scenario o grande scenographo francez Paquerreau e cujo guarda-roupa sahiria dos *ateliers* parisienses de Pascaud e Granier com figurinos de Gerbault e Canabate, correu, este verão, a imprensa de Lisboa. Essa nova magica, successora da *Venus*, eram *As Viagens de Gulliver*, e assignava-a o nome de Eduardo Garrido.

Esta circumstancia bastava para desde logo a impôr á curiosidade impaciente do publico. Eduardo Garrido, sósinho, representa metade, pelo menos, do movimento theatral portuguez dos ultimos trinta annos. Elle sósinho, no seu genero, vale, como auctor, traductor, adaptador, toda uma litteratura. Nenhum nome se imprimiu mais vezes do que o seu n'um cartaz de theatro. Ninguem mais do que elle conhece os segredos de interessar um publico, de fazer rir uma plateia, de entreter

um auditorio e de enriquecer uma empresa. Vivendo no theatro, do theatro e para o theatro, Eduardo Garrido soube dar ao seu officio de homem



P. PAQUERREAU

Scenographo francez, que pintou parte do scenario ara *As Viagens de Gulliver*



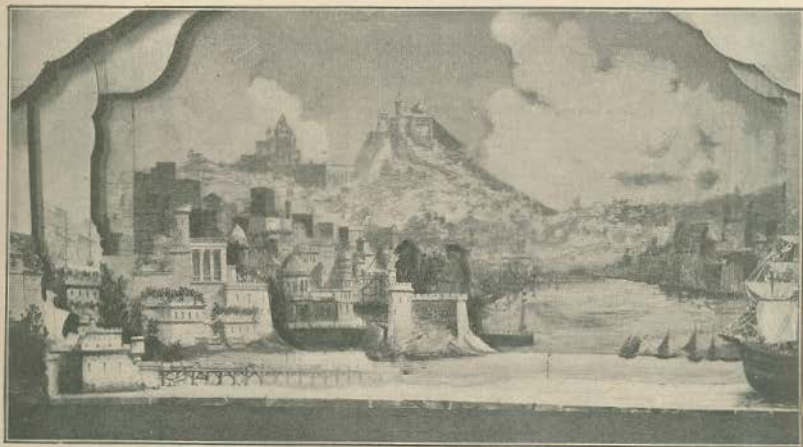
O PORTO DE BRISTOL — 2.º QUADRO DO 1.º ACTO



OS GIGANTES — 6.º QUADRO DO 6.º ACTO

de letras a solidez de uma industria e manter, sem concorrentes, uma clientella fiel. A sua obra immensa está a estas horas reclamando o historiador imparcial e metucioso que colloque o seu trabalho acima do desdem irreverente dos litteratos e faça justiça

ramente reverter para os seus exceptionaes talentos de escriptor a maxima parte do exito das suas adaptações e traducções, joeirando o que n'ellas ha de original phantasia, de espontanea *verve* e de inextinguivel facundia humoristica.



O PAIZ DE LILIPUT — 2.º QUADRO DO 3.º ACTO



O BAILADO DAS ONDINAS — 7.º QUADRO DO 3.º ACTO





O GRANDE BAILADO DA ÚLTIMA SCENA DO 3.º ACTO

Um tal homem, conhecendo minuciosamente todo o repertório francez da operetta, da magica e do vaudeville, forçosamente havia de escolher um thema excellente para motivo dos deslumbramentos scenicos projectados pela empresa do D. Amelia. Os leitores da *Illustração Portuguesa* poderão seguir pela photographia, nas paginas do presente humero, a successão dos scenarios esplendidos das *Viagens de Gulliver*. Mas quão imperfeita é, para aquelles que não viram a peça, esta visão monochroma, impressa á luz artificial do magnésio n'uma chapa de vidro sensibilizado! Não pode a photographia dar a combinação estonteante das côres, os efeitos phantasticos de luz, a pompa dos velludos, a fluidex das gazes, o farfalhar das sedas, a scintillação das pedrarias, o perpassar das bailarinas, tudo o que n'uma obra scenica da complexidade d'esta faz a sua maior e indescrível belleza.

Não cabe nos limites d'estas breves chronicas theatraes a circumstanciada analyse das peças, nem uma obra d'esta natureza se presta ao exercicio da critica litteraria. Motivo apenas para exhibições scenographicas, as *Viagens de Gulliver* foram inspiradas na obra celebre de Jonathan Swift, o grande pamphletario politico inglez do fim do seculo XVII e principios do seculo XVIII: uma especie do nosso José Agostinho de Macedo, com o qual a sua vida tem afinidades numerosas.

Pretexto, como dissemos, para deslumbramentos scenicos, á peça pelo sr. Eduardo Garrido adaptada do francez faltam porem a contextura harmonica, a logica — tão necessaria n'uma magica como n'um drama de analyse — e sobretudo o prestigio de uma nobre ou poetica idéa, que até certo ponto justifique uma tamaaha prodigalidade scenica. A fabula de que resulta a acção da espectacularosa peça, se bem que engenhosa, não logra dominar as atenções do publico, distrahidas com os esplendores da *mise-en-scene*. Por isso mesmo, a ultima scena, onde por completo desfallece a acção e onde ella é substituida por passagens de phantasticos cortejos e maravilhosos bailados, consegue supplantar todas as outras.

No desempenho das *Viagens de Gulliver* entram, como principaes figuras, Palmyra Bastos, Etlvina Serra, Amelia Pereira, Josepha d'Oliveira, Maria Santos, Henrique Alves, Alfredo de Carvalho, Alexandre Azevedo, Setta da Silva, Augusto Antunes e Carlos d'Oliveira.

Esquecer o quanto a intervenção de Augusto Rosa, o insigne actor, o ensaiador magistral e o director artistico incomparavel, contribuiu para a belleza d'este spectaculo surprehendente seria uma injustiça em que não queremos incorrer. A elle e a Antonio Pinheiro, a quem foi distribuida a ardua tarefa da direcção de scena, as calorosas felicitações da *Illustração Portuguesa*.



UM DOS MAIS BELLOS SCENARIOS DE PAQUEREAU — 1.ª SCENA DO 3.º ACTO  
(Palmyra Bastos no travesti de grumete)

## AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Peça em 5 actos, em verso, de Henrique Lopes de Mendonça, representada pela primeira vez no theatro D. Maria II, na noite de 29 de dezembro de 1906



NOME illustre de H. Lopes de Mendonça significa nas letras portuguezas algu-

ma cousa mais do que uma legitima gloria do theatro

contemporaneo: representa a iniciativa de uma escola e a affirmação d'um processo litterario. O notavel dramaturgo foi entre nós, com o *Duque de Vizeu*, o iniciador do verda leiro theatro de reconstituição historica. A renascença theatral dos ultimos vinte annos, renascença que ninguem de boa fé pôde já hoje contestar, deve-se, em grande parte, ao impulso vigoroso e honesto de Lopes de Mendonça. Coube-lhe a honra de abrir o periodo, se não mais notavel, pelo menos o mais intenso de todo o theatro portuguez. Todos sabem a que estado miseravel chegou a nossa litteratura dramatica no periodo post-garreteano. Mendes Leal, Biester, o velho Almada, o velhissimo Cascaes, eram uns rhetoricos obsoletos, fazendo um theatro de

convenção e de cartonagem, sem originalidade, sem escrupulo, sem talento creador,—sobretudo sem

qualidades de suggestão, de evocação, de vida. Da obra post-garreteana nada ficou — nem a justeza d'uma reconstituição historica, nem o prestigio d'uma figura. O theatro passou a viver da traducção franceza e de peças adaptadas. Diluiu-se o sentimento nacional, apagou-se a tradição de que o divino Garrett sonhára fazer uma litteratura. Foi então, n'esse momento critico, que appareceu Lopes de Mendonça com a sua peça em 5 actos *O Duque de Vizeu*. O suc-

cesso, verdadeiramente extraordinario, marcou pela exaltação brusca e pela duração reflectida; a peça fez época; coroou-a o premio da Academia e a admiração incondicional d'esse verdadeiro homem de letras, — el-rei D. Luiz. As representações succederam-se; Lopes de Mendonça estava consagrado. Acabára de iniciar-se um dos cyclos



HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA



«AFFONSO D'ALBUQUERQUE» — 4.º ACTO — A PRAÇA DE ORMUZ

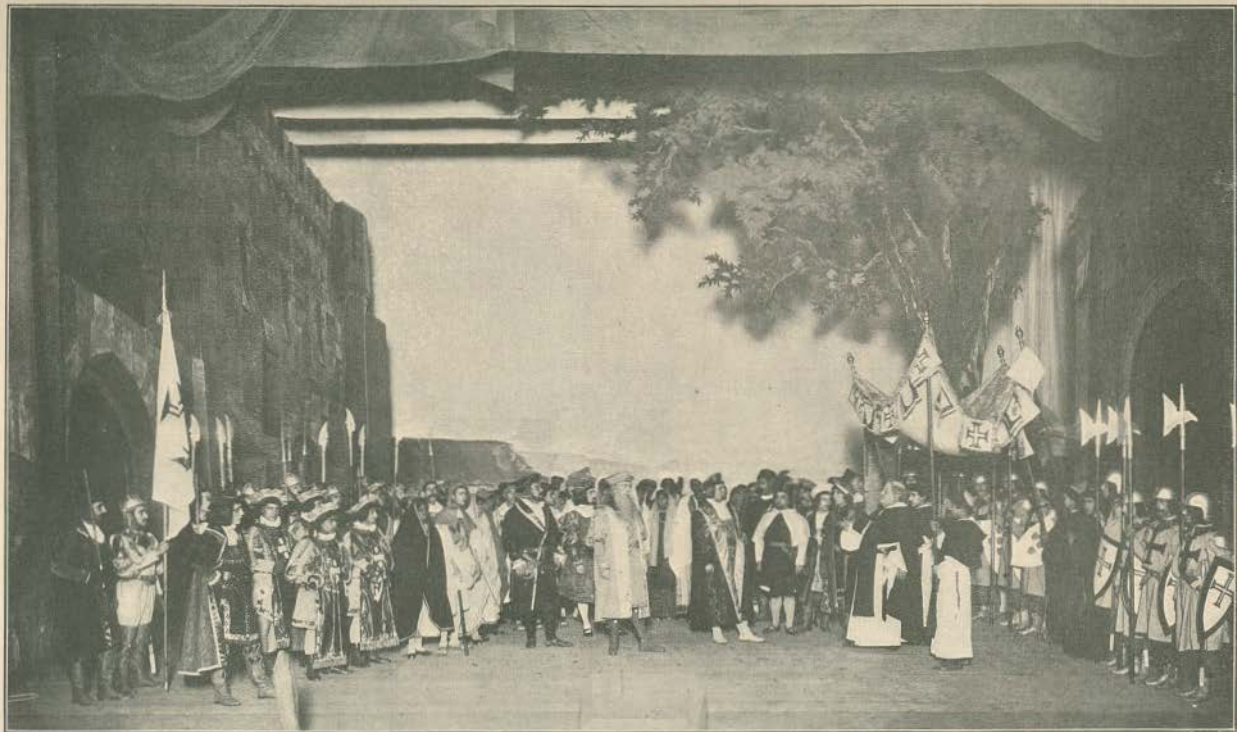


«AFFONSO D'ALBUQUERQUE» — SCENA IV DO 3.º ACTO

*Affonso d'Albuquerque* (Eduardo Brazão), *O moço Abade* (Ferreira da Silva), *Frei Domingos de Sousa* (Augusto de Mello)



«AFFONSO D'ALBUQUERQUE» — 5.º ACTO — A BORDO DA NAU «FLOR DE LA ROSA»



«AFFONSO D'ALBUQUERQUE»—FINAL DO 1.º ACTO—O DESEMBARQUE DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE EM COCHIM

mais brilhantes do theatro portuguez de todos os tempos. A peça impuzera-se, não só pela evidencia do talento robusto que jorrava d'ella, não só pelo seu sópro shakespeareano e pelo brilho da sua expressão poetica,—mas muito, e muito principalmente, pela vida real communicada ás figuras, pela justeza da reconstituição erudita, pela atmosphera historica que envolvia todas as creações, pela humanidade que pela primeira vez, depois da noite gloriosa do *Frei Luiz de Souza*, apparecia debaixo de gualteiras de burel ou de gibões de brocado. D'ahi por diante, as peças do mesmo genero, trabalhadas pelo mesmo processo de reconstituição honesta, succederam-se. A Lopes de Mendonça seguiu-se Marcellino Mesquita com a *Leonor Telles*; a Marcellino, D. João da Camara com o *Afonso VI*. Estabeleceira-se a «escola», definiu-se o processo. O publico começou a concorrer aos originaes. A *Morta*, de Lopes de Mendonça, o *Alcacer-Kibir*, de D. João da Camara, o *Regente*, de Marcellino Mesquita, tiveram um exito de excepção e radicaram o gosto decidido do publico pelo renascimento do principio tradicional que dictara as paginas d'ouro do *Frei Luiz de Souza*.

Ora a peça *Afonso d'Albuquerque*, ha poucos dias representada no theatro de D. Maria II, pertence á mesma escola e ao mesmo processo,—e, o que é mais, assigna-a o iniciador d'essa escola e o dramaturgo illustre a cuja acção, depois de Garrett, mais particularmente terá de referir-se o historiador do actual momento litterario. — a exaltação d'uma figura de epopéa, em bellos versos cheios de sumptuosidade e de grandeza musical. Lopes de Mendonça, com a mesma forte mão e a mesma energia shakespeareana com que eccou na *Morta* e no *Duque de Vizeu* as figuras barbaras de D. Pedro I e de D. João II, soube levantar a criação integral e soberba do organisador do nosso imperio das Indias, fazel-a subir até á grandeza da epopéa e arrancar d'ella o maior partido dramatico e o maximo esplendor theatral. A figura d'Albuquerque, immensa e super-humana, destaca-se e avulta ainda no meio

da fabula tenue da peça,—fabula onde o illustre dramaturgo procurou apenas os pretextos e os motivos para o engrandecimento do protagonista. As figuras accessorias, o frade, o physico, o abdalle, os reis cegos, acompanham-na, rodeiam-na, completam a evocação d'essa Gôa do seculo XVI, cheia d'oiro e de intrigas, de heroes e de mercadores. A reconstituição historica é feita, nos minuiros pormenores, com aquelle escriptulo erudito e aquella sciencia de carpinteria de theatro que de ha muito são a caracteristica do notabilissimo dramaturgo. A onda tragica que atravessava os cinco actos soberbos da *Morta* e do *Duque de Vizeu* passa nos cinco actos magistraes do *Afonso d'Albuquerque*. Desde o final do 1.º quadro, bello de merecimento e de reconstituição, até ao ultimo acto da peça, passado a bordo da nau *Flôr de la Rosa*, e que pôde considerar-se uma obra prima do theatro portuguez contemporaneo, o successo foi-se gradualmente accentuando até á consagração das ultimas ovações. A riqueza da *mise-en-scène*, dos adereços, do guarda-roupa, e o escriptulo de reconstituição historica que presidiu á sua factura, raros hoje em theatro portuguez, podem apresentar-se como modelo e exemplo a seguir. O desempenho, no qual ha a destacar Brazão—creação admiravel a do grande actor!—é digno da casa de Garrett e da sociedade artistica que a explora. Todos os artistas, Ferreira do Silva no *Abdalle*, Maia no *Antonio Real*, Mello no *Frei Domingos*, Ignácio no *Physico*, Costa no *João Cartaxo*, realisaram creações verdadeiramente notaveis; Adelina na *Axura*, Delphina na *Sita*, mantiveram-se á altura dos seus nomes. Mas, como era justo e necessario, as honras do desempenho cabem a Eduardo Brazão, que na figura de *Afonso d'Albuquerque* tem uma das suas mais prodigiosas e mais fidalgas creações,—trabalho que honra não só o theatro portuguez, mas o paiz que possui um comediante de tal grandeza.

O successo da peça de Lopes de Mendonça foi sem duvida excepcional: mereceu-o o auctor, mereceram-no os seus interpretes.



«AFONSO D'ALBUQUERQUE» — FINAL DO 2.º ACTO — A TOMADA DE BENASTARIN



A RECEPÇÃO DO NOVO NUNCIO EM LISBOA, MONSENHOR JULIO TONTI, E O «TE-DEUM NA SÉ, NO DIA 31

- 1, Chegada do coche de gala à Nunciatura — 2, Monsenhor Julio Tonti, novo Nuncio de S. Santidade na corte de Portugal — 3, O coche de gala, conduzindo o Nuncio ao Paço das Necessidades — 4, O nuncio acompanhado do sr. conde de Santiago, descendo as escadas da Nunciatura
- 5, Saída do cortejo da rua do Quelhas — 6, O sr. Infante D. Afonso aguardando a chegada de S. S. M. M. à porta da Sé — 7, Chegada do cortejo do Nuncio às Necessidades
- 8, A casa militar aguardando a chegada de S. S. M. M. para o Te-Deum

# OS PERFUMES DE ADRIANA



— O que tu gostavas de perfumes! Uma loucura!

Adriana pousou devagarinho no mármore do tocador o frasco facetado que ha minutos revirava entre os dedos, apalpando-o, sentindo-lhe a caricia fria das arestas, como uma tentação do crystal perverso e luminoso. Ficou ainda a olhal-o, scismadora. Dentro, brilhava um liquido cõr de ouro vivo, tão fino e tão subtil que parecia á espera do momento de se volatilizar. No rotulo, tambem dourado, arabescos de fogo emolduravam o nome precioso de Lubin; e, no gargalo, aberto em lyrico, sob a rolha que representava uma pinha de ouro, atava-se ainda um lacinho de seda, com as duas pontas franjadas a tremer. Na prateleira, sob o espelho, outros vidros se alinhavam, esguio este, aquelle bojado, aquelle outro opulento, em forma de botelha, guardando toda a abundancia d'uma prodigiosa fonte, ou exiguo e sumido, como o repositório da lagrima d'uma flôr. E, na diversidade das formas, igualmente ressaltava a diversidade das côres, se era violeta, ou rosa, ou heliotropo o perfume contido em cada vidro. Um havia que parecia gritar aos olhos, para se não distrahir de o admirar — verdeja galhardamente, com a alegria alvicaireira das esmeraldas; tingia-se outro de granada, rebrilhava um terceiro de topazio; mas todos os mais se attenuavam em cambiantes tranquillos, claros, ligeiros, imitando o ambar, levemente rosados, ou com um longe de lilás na transparencia suave. Adriana, como se pelos olhos respirasse, um a um, todos aquelles perfumes, não cessava de os mirar, embevecida, silenciosa, em terna adoração.

— Se me lembro! — repetia a amiga, accomodando um banco estofado, para se sentar. — Era sempre e tua conversa, lá em casa da mamã. Uma loucura!

— Sim, uma loucura.

E sentou-se tambem. A outra começou a tagarelar de coisas diversas e inesgotaveis: da sua viagem pela Europa, ou do marido que a adorava cada vez mais e estava agora cada vez mais rico, com a morte de

um velho parente, em Minas; das coisas que vira, . . . umas superiores, inferiores outras ás da nossa terra; da alegria do mundo, para quem o atravessa com os bolsos cheios de dinheiro, muita saúde e ainda alguma mocidade; finalmente, d'esse unico desgosto do casal — a falta d'um pequerrucho, um herdeiro. . . Mas, não ha, não ha no mundo felicidade completa.

— Não ha, confirmava Adriana, inteiramente alheia e com os olhos presos ao tocador.

A lembrança do seu amor aos perfumes, das visitas á casa d'aquella mamã que morrera e fôra uma das suas maiores amigas, avivara-lhe, n'uma profunda e amarissima saudade, todo o seu passado, a sua vida, um dia risonha, brilhante, descuidada, futil, com uma unica paixão, a dos perfumes, e um unico desgosto, o de os não poder trazer em si, todos elles, ao mesmo tempo. O marido amava-a e ella não o detestava; era um homem intelligente, trabalhava como um doído, em coisas de engenharia, de que ella nunca fizera uma longe idéa sequer, para lhe pôr ao alcance das mãos cubricosas, exigentes e nervosas mãos de creatura a quem se não sabe desobedecer, todos os desejos e todos os caprichos. Adriana dava festas e assignava o Lyrico, para estrear um vestido em cada opera. Como as outras. Mas esse delicado vicio dos aromas era só d'ella; nenhuma outra o cultivava com tal ardor, tal arrebatamento, tal delirio. O bom do marido, sempre envolvido em calculos e desenhos, sorria aos exageros da requintada mania. Chegava até a interessar-se, a ganhar certo gosto pelo que elle chamava «as fantasias da sua abelha», tomava notas de raridades, segredos, antiguidades, para os estudar nos tratados da sua bibliotheca; mandava vir da Europa essencias em voga, misturas, combinações especiaes. A abelha, mal pousava em cada novidade, logo sentia a curiosidade e a sede d'outros calices, outros thesouros e delicias; que sempre se lhe annunciavam ineditos e promissores de não provadas sensações. Pedia mais, queria mais, não se fartava nunca, a irrequieta abelha; e, ás vezes, na carteira do engenheiro, os calculos de geometria ou algebra e as combinações dos perfumistas baralhavam-se, inextrincavelmente.

Os perfumes de Adriana gosavam, por esse tempo, d'uma nomeada sem rival. Toda a sociedade os condemnava e debalde procurava imital-os. Essa notoriedade e esses despeitos representavam outro delicioso aroma, com que a sua vaidade a todo o passo se enebriava. N'uma sala, n'uma festa, grupo de que ella se approximasse, logo revelava a singular impressão d'essas essencias finissimas, quasi milagrosas, alma vaporosa e subtil, a desprender-se do seu corpo primaveral e a envolver-o sempre, esvoaçante e immorredoura. Subito, interrompiam-se as conversações, a maledicencia, o galanteio, o *firt*; um silencio se estabelecia, toda a gente immovel e de olhos no ar, deixando-se languidamente penetrar por aquelle ambiente de deusa, descida du'm mysterioso e remoto paraíso aromal.



Para quebrar a mudez do grupo, era ella quem tinha que falar, fazer perguntas, elogiar um vestitulo ou um leque, com a sua astuciosa e impeccavel galanteria. E d'ahi, conversava-se. Ella, porém, surprehendida em cada rosto disfarçado, em cada olhar hypocritamente distrabido, o extranho goso dos seus perfumes, a palpitação, a ancia de todas aquellas gulas que se regalavam com as emanações da sua pelle. E triumphava. Havia uma reserva; não lhe queriam restituir as lisonjas, tão facéis no seu labio de soberana, para confessar a graça d'um penteado, a originalidade d'um decote; todas agradeciam, n'um murmurio, ruborizadas umas, outras disfarçadamente tranquillias, como se lhes não desse prazer aquella superior homenagem; os leques punham-se a adejar, mãos fulgurantes de aneis concertavam outras joias dos cabellos e do collo; pausas cahiam ensombradas e arrefecidas d'um ligeiro tedio. Adriana triumphava. E, de repente, por um fatal desanimo, uma inevitavel quebra de propositos formados, uma voz rompia que lhe louvava o perfume d'esse dia e logo um côro geral:—Como se chamava? Onde o obtivera? Quem lh'o indicára?—um côro alacre resoava, laudatorio, rendido, sem mais noção de resistencia, perdida toda a orgulhosa compostura, todas as indifferenças esmagadas na admiração d'aquella indiscutivel maravilha.

Adriana triumphava e dava explicações generosas. Eram quasi sempre invenções proprias, combinações que imaginára, em momentos de inspiração. Expunha com toda a sinceridade e clareza os mysterios do seu "laboratorio", dando as exactas quantidades, os exactos minutos de infusão; os lapizinhos dos *carvets* de baile rabiscavam numeros decimais pelas linhas preciosamente reservadas aos pares das valsas e dos lanceiros; e magnanima como uma fada, Adriana descia ás minudencias da sua arte incomparavel, revelava tudo, simplificava tudo, e ainda promettia esclarecer depois alguma duvida que acaso surgisse—tão certa estava do seu inimitavel talento de perfumista e de que, apanhado e vulgarisado o seu ultimo segredo, outros lhe acudiriam, a restituir-lhe a palma d'uma inatingivel supremacia. Em volta, reinava alvoroço e soffreguidão; toda a gente promettia que, logo na manhã seguinte, faria a experiencia, realisaria o problema cobigado; cavalheiros sollicitos tiravam copias, a pedido d'outras tantas damas; outros que haviam chegado depois colhiam as revelações em segunda mão, açodavam-se, exigiam mais exactos pormenores; e, fazendo roda á cadeira de Adriana, chegavam a duvidar—se aquella perturbadora, magica essencia se poderia obter assim, da mistura de dois liquidos conhecidos e ao alcance de cada um, ou antes se não desprenderia exclusivamente, por uma inconquistavel virtude natural, d'aquelles hombros, d'aquelle collo, d'aquelles braços, de toda aquella exuberante e mimosa carniação em flor!

Mas Adriana não queria somente aos seus perfumes pelo exito de os derramar pelos salões, embriagando os homens e dando ás outras mulheres essas pequeninas raivas murmurosas. Adorava-os tambem, e principalmente, por si propria, pelo goso de se sentir rodeada d'elles, a ventura de os manusear e a suprema gloria intima de descobrir mais um, no embalsamado retiro dos seus aposentos. Vivia no meio d'elles, como na unica atmosphera familiar que os seus sentidos reconheciam; dava-lhes a maior parte do seu tempo, tornara-os a mais cara preocupação da sua vida. Os seus dedos quasi não sabiam bulir em outros objectos, se não esses lindos frascos, essas airosas retortas, esses almofarizes de

marfim, toda essa bateria gentil, a que ella pomposamente chamava «o seu laboratorio». Identificára-se inteiramente com essa existencia artificial, toda envolta em aromas e tão impregnada d'elles como o seio d'uma grande flor, onde se viesse aninhar o halito de todas as flores; nem os seus pulmões saberiam respirar, sem repugnancia, outro ar que não esse, embalsamado e excitante; e, quando em tal pensava, chegava a desconsolar-se e a soffrir, por que lhe não era dado, como áquelles extranhos povos da India antiga, alimentar-se tão somente de perfumes, immaterial e voluptuosamente.

Conhecia a histora de las suas essencias, uma por uma; eram a sua bibliotheca, a sua erudição de bella e futil creatura, tão avessa a outros estudos e outras quaesquer preocupações. Desde os ritos religiosos, onde se quieram as primeiras essencias, a magia d'esses mortos esplendores e d'esses prazeres esquecidos empolgava-a em demoradas leituras, a meio das quaes muitas vezes o volume lhe tombava das mãos e toda ella ficava, immobilizada e em sonho, como se do cabo de tão remotos costumes uma baforada ainda viesse, d'esses cy: amomos, esses iris, esses açafões, a dar-lhe ao gabinete a trespalante unção da morada d'um idolo. Conhecia a inverosimil composição do *kuphi* que lavou os velhos deuses do Egypto; o nardo, a myrrha, o *loes*, que se derramam por toda a Biblia, desde o Itar vivo de Moysés, ás seducções de Ruth e de Judith, com a suprema consagração de Maria Magdalena, perfumado os pés de Jesus. Admirava a loucura artistica de Nero, que fez consumir nos funeraes de Poppéa quatro milhões de sestercios, só em rosas; e assaltavam-na vertigens, ao pensar em Sardanapalo, que morreu sobre uma grande fogueira de troncos odoriferos e sagrados... Mas, o que a levava a mais delicadas scismas, lhe fazia pairar o espirito em mais longos extases, era a resurreição e a excelsa glorificação do perfume em França, na fulgurante cõrte de Luiz XV, a «cõrte perfumada» de Versailles, onde o musgo tinha mais vassallos que o proprio Rei, o feno arrebanhava verdadeiros fanaticos e essa extraordinaria Pompadour esbanjava em perfumar-se centenas sobre centenas de mil francos, insensatamente.

Depois, mettia-se a indagar os antigos processos de sugar ás flores essa exquisita alma que morre quando ellas murcham, desafiando então a que lh'a arranquem em vida; e essas folhas exoticas, e essas amargas raizes, e essas cascas de cheiro aspero e azedo, que é preciso subtilizar, adoçar, dando-lhes uma interpretação especial á virtude e á graça mysteriosas. Assim, conhecia a acacia, a canella, o sandalo e o benjoim; distillava a magnolia por um systema inteiramente seu, adivinhado, sentido pelo apuradissimo instincto que a natureza lhe dera; desprezava o lyrio, a violeta e o resedá que já para ella eram corriqueiros, sem nenhuma seducção; e saboreava um extranho prazer em enunciar para os profanos as extravagancias do seu saber, as raridades da sua predilecção, a eglantina, a mangerona, a salkameria, a frangipana!

Ah, perante o seu saber tão exigente e o seu genio tão superior, fatalmente se apagava o esplendor d'esses rotulos francezes, desenhando os nomes vulgares dos modernos confeccionadores de imitação, eternamente cingidos ao heliotropo e ao patchuli! Adriana chegava a detestal-os no seu industrialismo aclamado no mundo inteiro e no reclamo que os tornara riquissimos commerciantes de perfumes. Lubin era para ella um aducido tritador de petalhas de rosa; Pinaud, um prosaico manufactor; Hou-

bigant, um repugnante fornecedor de cortezãs; o proprio Rimmel um repetidor sem arte...

Mas, tantos annos lá iam... O marido morrera pobre; a sua mocidade passara; tudo n'ella decuira, miseravelmente. Aquella amiga que ao seu lado tagarelava, conhecera-a ella menina, muitas vezes lhe perfumara as madeixas encarcacoladas de anjo. Estava velha, sentia-se velha; e após esse demorado reviver d'um passado tão rico e tão brilhante, querendo acordar e olhar em volta, só aquellos frascos se lhe deparavam, de Paris, é certo, de Pinaud e de Houbigant, mas dourados, côr de ambar, côr de esmeralda clara, e encerrando cada qual mais forte e penetrante sedução. A pequena fallava agora das criadas; interrompeu-a:

— Aquelle, qual é?

— *Enigme*, muito forte. Ah! o outro! *Mes delices*.

Foi buscar o frasco, deulho a cheirar; Adriana respirou com toda a alma, n'uma incontível ancia. Agarrou o vidro, com as mãos ambas, um momento o apertou, desorientada, contra os labios. Depois, n'um repente, despediu-se. A amiga insistiu. — Que não, que não; tinha umas coisas na cidade á espera, não se podia demorar.

— E sahii para a outra sala, a calçar as luvas, toda tremula e offegante. Ao despedir-se, porém, demorou os beijos, os protestos d'aquella velha amizade inesquecível. Havia de apparecer, sim; e a sua casa, embora pobre... Beijavam-se. Adriana não se despegava. E, de repente, lembrou-se do leque; ficarielle o leque lá dentro.

— Deixa, minha filha. Eu vou buscar-o.

A outra ficou. Foi um momento á janella; deu uma volta pela sala, concertou as flores d'uma jarra. Adriana demorava-se. Uma botina desatada, um arranjo no cabelo... Velha *coquette*, vá... Então a amiga foi até ao corredor; e, como Adriana fechara a porta, veio-lhe uma tentação de a surprehender deante do espelho, a corrigir o penteado grisalho, a

ensaiar algum antigo sorriso. Mulheres! E foi, pé ante pé. Sorria perversamente, gosando o enleio da outra, as suas explicações mentirosas. E, abandonando-se á extrema perfidia do sexo, espreitou pelo buraco da fechadura.

O tocador ficava em frente. Adriana tirava um vidro do seu lugar, abria-o, respirava-o por longo

tempo, levantando os olhos ao estuque do aposento; depois, tornava a collocal-o, sem ruído, embora a mão lhe tremesse visivelmente. Fazia menção de se voltar, mas tomava outro frasco, cheirava-o com crescente satisfação; ao terceiro, derramou um gole nas mãos, esfregou-as depois, ficou a cheiral-as, regalada e concentradamente. Os seus olhos brilhavam, deu um passo para a porta e voltou, mais agitada e nervosa. Abriu outros frascos, borri-fou o collo, o pescoço, os braços; os seus movimentos acceleravam-se, n'uma progressiva desordem,

já incertos, já febris. Tomou um frasco dourado e despejou-o completamente no seio; offegava, parecia desvairada; subito, deitou as mãos á garrafa maior, que era verde, e, depois de olhar em volta, de escutar, levou-a á boca, completamente doida, canbaleando de gozo.

N'isto, abriu-se a porta. Adriana sorveu ainda duas sofregas goladas e, escapando aos braços da amiga que se lhe estendiam, abateu redonda sobre um banco estofado, livida, rilhando os dentes e revirando os olhos, n'uma horrivel convulsão.

Rio de Janeiro, 1900.

JOÃO LUSO.





**Sedativo BEIRÃO**  
ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os sofrimentos que procedem ou acompanham as menstuações irregulares (dysmenorria). Cura ou alivia as cólicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, espasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; cauos, vomitos, diarrheas, alagio a elevação do ventre e do accumulo das gazas, a turbidez das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstuações irregulares. O Sedativo Beirão actua com especificidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funções e é muito effectivo na acciã dos ovarios e na solidificação ou fragor do utero. É indispensavel em amenorria accidential ou suspensã stabilita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O Sedativo Beirão contém propriedades tónicas, astringentes e antisepticas, muito effectivas para debellar o fluxo branco-latro vaginal (leucorrhœa).

O Sedativo Beirão é de grande valor therapeutico na menorrhœa ou excessão final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento circulatório e antiperistaltico d'estas visceras qua, quando invertido, é origem e sustentacão de graves perturbacões gastro-intestinaes, diminui a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulacão e consequentemente melhora o perigo da superabundancia de sangue e de outras moléculas que sobreveem pela excessão final dos mestruos n'esta moléstia da vida da mulher. O Sedativo Beirão não é contra indicado nas moléstias uterinas e dos ovarios que dependem de esões d'aquestos orgãos ou de intervençã cirurgica.

**DEPOSITOS AUTORIZADOS.**  
Em Portugal: Pharmacia Liberdade, 167; Lisboa.  
Pharmacia do Padrão — Rua Formosa, 10, Porto  
Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman,  
Export Druggist, 58 e 59, Bushill Row London, E. C.

O principio e seguimento das minhas regras meorias foi sempre consciencioso e acompanhado de perturbacões que constituem para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi numa d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.<sup>o</sup> sr. dr. Amante Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorheico, cujo effecto eu não sei descrever com exactidão. Tenho repetido o uso d'este agreevel remédio, uma vez em cada mes, e hoje sou verdadeiramente feliz que as regras apparecem agora regularmente e sem dor.

Não sou nem remediada nem das pharmacias já mais esqueci um allivio. Porto, rua de S. Lourenço, 12 em 24 de novembro de 1903—Sociedade Anonima Ferrnada.

Segue o reconhecimento do tabellido Antonio Borges d'Avellar.

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébraïque.

Prix du flacon: huit francs, Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Pharmacia Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisboa.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

**COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO**

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianas e Sobreirinho (Thomas) Penedo e Casal d'Hermio (Louisa), Valle Maior (Abergaria e Velha).

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispozo dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria.

Tem um deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade do papel de machina continua ou redonda e de forma

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:

Lisboa — 270, Rua da Princesa, 276

Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA — COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO — PORTO — LISBOA: Numero de telepho 342

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

**LICOR VEGETAL**



O melhor remedio e purificador de todas as moléstias provenientes da impureza do sangue.

PREÇO

1 frasco 1\$000 réis

7 frascos 6\$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

**PHARMACIA BRAZILEIRA**

45, L. de S. Domingos, 13-A

LISBOA



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES e FORNECEDORA da CASA REAL

**Union Maritime e Mannheim**

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union et El Fenix Español, R. da Prata, 59, l.<sup>a</sup>, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusiv o seguro denominado "Popular" para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

**Lima Mayer & C.<sup>o</sup>**

RUA DA PRATA 59 1.<sup>a</sup>

LISBOA



**Supplemento humorístico d'O Seculo**

Propriedade da Empresa do jornal O Seculo

Recobem-se assignaturas nas agencias da Empresa.



Vende-se em todas as relojoarias da cidade

**RELOGIO VULCAIN**  
HORA EXACTA

Formas em Casca de Fósforo Verde

Aguaes mineiras do Monte Banzao

COLLARES

**PEÇAM**  
EM TODA A PARTE



R. Arco Bandeira, 216, 2.º  
LISBOA

Aguaes mineiras do Monte Banzao

COLLARES

**OS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE**

FUMEM OS CHARUTOS

Republicanos .....	30 réis
Congressistas .....	30 "
Regeneradores .....	30 "
Marianos .....	50 "
Navarros .....	60 "
Águila .....	80 "
La Corona de Hespanha ..	100 "



À venda nos depositos e Tabacarias de  
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,  
Santarém, Castello Branco,  
Guarda, Faro, Évora, Leiria, etc.

UNICO IMPORTADOR  
Alfredo Alves Martins

153, Rua da Palma, 155—LISBOA

# ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

## NUMERO DO NATAL

Collaboração dos mais illustres escriptores portuguezas  
Paginas a cores — Illustrações de Santos Silva  
Composição em elzivir italiano

Um volume de **84** paginas — **100 réis**

### SUMMARIO

- O PRIMEIRO BERÇO** — Poesia do sr. Guerra Junqueiro.  
**S. CHRISTOVÃO** — Excerpto de um romance historico de Eça de Queiros.  
**SEMPRE NOIVA** — Pelo sr. conde de Sabugosa.  
**FLORES DE ROMA** — Pelo sr. Ramalho Ortigão.  
**TOQUE DE ALVORADA** — Pelo sr. Teixeira de Queiros (Bento Moreno).  
**TEDIO MORTAL** — Pelo sr. conde de Monsaraz.  
**O MINHO** — Pelo sr. conde de Arnoes.  
**A COPA DE BALTHASAR** — Pelo sr. Eugenio de Castro.  
**ROMANCE DA PASTORA LINDA** — Pelo sr. Antonio Feijó.  
**OS VENCIDOS DA VIDA** — Pel sr. Manuel da Silva Gayo.  
**SILENCIO** — Conto do sr. Julio Dantas.  
 Anuncios artisticos com illustrações de Alfredo de Moraes.

**A' venda nas livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra e em todas as terras onde o «Seculo» tem agencias.**

São promptamente satisfeitos os pedidos acompanhados da respectiva importancia, a qual póde ser enviada em estampilhas, á

**Administração d'O SECULO—Lisboa**